

A IMITAÇÃO E AS SINGULARIDADES: O Jogo Do Social

THE IMITATION AND SINGULARITIES: THE SOCIAL GAME

Patricia R. Gomes da Silva¹
Alexsandro Galeno Araújo Dantas²

Em *As Leis da Imitação*, publicado originalmente em 1890, o sociólogo francês Gabriel Tarde (1843-1904), também filósofo, psicólogo e criminalista, dedica-se a demonstrar que a sociedade se constitui a partir de relações intercerebrais. Para tanto, o autor desenvolve três categorias (imitação, adaptação e oposição) que organizam tais relações, e, dividindo esse livro em oito capítulos, dá ênfase a imitação como categoria fundamental para definir e compreender o social. Dessa forma, a microsociologia de Tarde recupera o indivíduo na cena social, na medida em que assinala as ações e os pensamentos inovadores como as verdadeiras causas dos fatos sociais, via irradiações imitativas. Sob tal perspectiva, movidos por desejos e crenças, somos o infinitesimal da sociedade, as verdadeiras potências inventivas, ou seja, transformadoras.

Tendo em vista que, em toda área do conhecimento, qualquer progresso do saber colabora com a ideia de que as semelhanças decorrem da repetição, o autor afirma que

toda homogeneidade de origem social resulta, direta ou indiretamente, da imitação. Assim, toda repetição (seja social, orgânica ou física) advém de uma inovação, logo, o normal, em toda a ordem do conhecimento, provém do acidental. À vista disto, as propagações de uma ideia, de uma necessidade, ou de um rito religioso, a partir de um cientista, de um inventor ou um missionário, correspondem a fenômenos ordenados.

Para Tarde, o ser social é essencialmente imitador, o que implica dizer que uma invenção humana, por meio da qual se inaugura um novo gênero de imitação (a pólvora, por exemplo) representa uma sugestão capaz de provocar irradiações imitativas, bem como uma pedra quando cai na água, provocando uma onda, e, conseqüentemente, outras se repetem, cada invenção ou descoberta (aspectos elementares do social) tendem a se estender em seu meio, isto é, a se alargar, visto que é composta por coisas semelhantes, “todas ambiciosas ao infinito”. (TARDE,

¹ Doutoranda pelo PPGCS – UFRN.

² Graduado em Geografia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (1989), mestre em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (1996), doutor em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2002). Pós-Doutor pela Universidade de São Paulo (2015), professor do Instituto Humanitas da UFRN, Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da mesma instituição e Presidente da Cooperativa Cultural Universitária.

2000, p. 38). Por outro lado, tal tendência de alargamento é, não raro, interrompida pela concorrência das tendências rivais.

Portanto, estamos cercados por um conjunto de condições internas e externas, comparáveis a um rio com limites estreitos de desenvolvimentos, de onde decorrem semelhanças com o curso inicial. Desse modo, perpassando por determinações físicas e biológicas, o gênio humano foi despertado para necessidades virtuais e profundas da alma humana, causadas por descobertas e invenções primordiais propagadas pela imitação. Por essa lógica, rudimentos de uma linguagem e de uma religião abriram caminho para o mundo social, “sem essa faúlha, o incêndio do progresso jamais se teria declarado na floresta primitiva cheia de selvagens; e é ela, é a sua propagação por imitação, que é a sua verdadeira causa, a condição *sine que non*”. (TARDE, 2000, p. 65).

O autor ressalta que a necessidade de inventar e de descobrir se desenvolve dependendo de um cruzamento feliz entre um cérebro inteligente e uma corrente de imitação, seja com uma contracorrente que lhe reforce, ou com uma percepção exterior intensa, aparentemente imprevista. Porém, se decomposmos tais percepções e sentimentos, notamos que eles se resolvem quase completamente, ao mesmo tempo em que a civilização avança em elementos psicológicos condicionados pelo exemplo. Por conseguinte, toda ideia, por mais genial que seja, corresponde ao cruzamento de uma imitação com outras capazes de permitir que determinado indivíduo, em dado momento, chegue a uma constatação.

As invenções apresentam, então, elementos oriundos de imitações anteriores, destinadas a formar novos compostos mais complexos. Na árvore genealógica

das iniciativas bem-sucedidas, quando uma invenção surge, apresenta-se como uma das possibilidades que a invenção-mãe carregava em seu ventre, além disso, torna impossível outras e abre novas invenções que antes não existiam. Uma vez que toda descoberta corresponde a um problema, sobrevivem as invenções que respondem melhor ao seu tempo.

Ademais, o contágio irradiador das civilizações ocorre em virtude da inclinação natural dos homens para copiar, sem necessariamente se deslocarem no sentido do exemplo, ou melhor, os indivíduos agem ininterruptamente uns sobre os outros, por distâncias espaço-temporais indefinidas. Em razão disso, a imitação é social, mas a preguiça instintiva de onde nasce a tendência de imitar é natural, dispensando a necessidade de inventar.

Por essa ótica, o que é uma sociedade? Conforme explica o autor, não são as relações econômicas, ou seja, a prestação de serviços mútuos que define uma sociedade. Pois, se fosse assim, as sociedades animais muito mais que nós, mereceriam esse nome. Contudo, a fé e o desígnio patriótico estabelecem as bases para uma verdadeira relação de sociedade, mantendo necessidades particulares distintas, entreajudando-se nestas ou não. A sociedade é fundamentada por uma unanimidade de coração e de espírito, que se constitui pouco a pouco através da imitação do mais próximo ao mais distante, e, como continuação desse processo, desenvolve-se um aparato legislativo na medida em que a tendência à imitação fica mais complexa.

Tendo em vista que as trocas incessantes de serviços não garantem o título de sociedade, Tarde (2000) aponta a importância da assimilação por contágio imitativo, expressa no fato de nem os conquistadores

da América nem os indígenas terem reconhecido direitos uns aos outros, porque não formavam o ser mental e social de ideias, de desejos, de necessidades, ou seja, de elementos que compõem o espírito suficientemente semelhante para compor uma sociedade. Nessa acepção, o alargamento por assimilação imitativa compreende ao cerne da sociedade, o que permite que as mulheres e os camponeses, por exemplo, insiram-se cada vez mais no círculo social. Dito de outra maneira, trata-se de uma tendência que, mesmo encontrando entraves em costumes ou leis, desenvolve-se cada vez mais.

Em síntese, o homem não pode olhar, ouvir, escutar caminhar, escrever, inventar ou imaginar, sem recordações musculares e coordenadas, assim como, a sociedade não poderia existir, avançar, transforma-se, sem a formação de uma rotina acrescida de ações inventivas. No desenvolvimento desse enlace, é infinitamente complexa a natureza íntima da sugestão de célula a célula cerebral que forma a vida mental, igualmente o é a essência dessa sugestão no nível de pessoa a pessoa. Todavia, para pensar acerca desta última, Tarde faz uma analogia com o fenômeno do sonambulismo ou hipnotismo.

Tais fenômenos, de forma similar ao estado social, são formas de sonho de comando e em ação, nos quais temos a ilusão de sermos espontâneos. Embora acreditemos que somos menos crédulos, menos dóceis e menos imitativos que outros povos (de hoje ou de outros tempos), que aliás pensam (ou pensavam) o mesmo sobre si, estamos a todo momento reproduzindo ideias sugeridas. A hipnose é um processo parecido, já que é capaz de, em determinadas circunstâncias, acessar à obediência passiva mediada pelo prestígio, que remete à existência de uma força potencial de crença e desejo imobilizado em diversas recordações,

adormecidas, mas presentes. De forma semelhante, “tem-se prestígio sobre alguém na medida em que se respondem à sua necessidade de afirmar ou querer qualquer coisa atual”. (TARDE, 2000, p. 104).

Uma ação qualquer sugere aos nossos semelhantes à ideia mais ou menos irrefletida de imitar, caso isso não aconteça, tal ação é neutralizada por uma contra tendência oriunda de recordações presentes ou percepções exteriores. Temporariamente privado dessa força de resistência, o sonâmbulo serve como parâmetro para explicar a passividade imitativa do ser social. O sonâmbulo tem toda sua força de crença e de desejo voltada para um polo único, residindo nisso, o efeito da obediência e imitação por fascinação que constitui um tipo de polarização inconsciente do amor e da fé. Nesse sentido, Tarde (2000) cita homens como Maomé e Napoleão, os quais foram capazes de polarizar a alma do seu povo, conduzindo a uma fixação por meio de sua glória.

Diferentemente do que costumamos pensar, os povos civilizados não despertaram desse sono dogmático. De acordo com o autor, os povos se imitam cada vez mais, aspecto em que a sociedade se parece com o indivíduo, que quando criança é um verdadeiro sonâmbulo. E, ao despertar da admiração dos pais, ocorre uma sobreposição de sonos e torna-se ainda mais imitador, deslocando a admiração a um mestre ou colega prestigiado. Como efeito, para compreender o fato social é necessário se voltar para os fatos cerebrais infinitamente complicados, trata-se de uma relação direta, a sociedade é a imitação, e a imitação é um tipo de sonambulismo. Por outro lado, o despertar momentâneo do sonho, (familiar ou nacional) para inovar e descobrir, requer audaciosamente escapar à sociedade, o que só pode ocorrer pelo o indivíduo.

Portanto, a imitação e a invenção são atos sociais fundamentais, tendo como substância ou força social uma ideia, um querer, uma opinião ou um desígnio, movido por crenças e desejos. Estas últimas formam as qualidades psicológicas que dão base a todas as qualidades sensacionais da combinação, cuja organização imitativa compõe as verdadeiras quantidades sociais, por isso, constituem toda a alma das palavras de uma língua, da administração de um estado, dos artigos de um código, dos processos de uma arte etc. Em outras palavras, as sociedades se organizam por acordo ou oposição de crenças, consecutivamente, fortalecendo-se ou se limitado, formando as instituições. Por fim, funcionam a partir da concorrência de desejos e necessidades, fomentando o progresso social por meio da sucessão de substituições e acumulações inventivas.

REFERÊNCIA

TARDE, Gabriel. **As leis da imitação**. Porto: Rés, 2000.